

O uso da motivação extrínseca para incentivar a prática do piano em casa: relato de quatro atividades para crianças e adolescentes

Comunicação

Ana Paula Machado Simões
anapaulasimoes89@gmail.com

Resumo: Manter os alunos de piano motivados é sempre um desafio para os professores. Com a diversidade de atividades extracurriculares, deveres de casa e estímulos variados disputando a atenção, o tempo e o interesse dos alunos, fica cada vez mais difícil estimular o estudo em casa. Além disso, poucos são os alunos intrinsecamente motivados a praticar e que conseguem manter uma rotina regular de estudos. Sendo assim, muitos professores recorrem ao uso de estímulos externos, como o uso de recompensas, para envolver os alunos no processo de aprendizado e incentivar a prática em casa. Neste trabalho, apresento meu relato de experiência como uma professora de piano em busca de atividades que supram as necessidades psicológicas de competência, relacionamento e autonomia dos alunos, conforme estudadas na Teoria da Autodeterminação, de modo que os alunos se sintam mais entusiasmados com o processo de aprendizagem e a prática do instrumento e internalizem a importância do estudo regular. São apresentadas quatro atividades divididas conforme a necessidade que buscam atingir e são descritos os efeitos que cada uma teve em motivar os alunos.

Palavras-chave: Motivação Intrínseca. Motivação Extrínseca. Prática em Casa.

1. Introdução

Professores de piano são constantemente confrontados com o desafio de motivar os alunos a praticarem em casa. Com crianças e adolescentes expostos cada vez mais a uma grande carga de atividades escolares e extracurriculares, que frequentemente as levam à exaustão (KUNSCH, 2014, p. 100), sobra pouco tempo para se dedicarem ao estudo do instrumento. Além disso, com o crescente acesso às telas, as crianças passam a ter mais dificuldade em lidar com tarefas que demandam mais tempo, dedicação e envolvimento do que as atividades que realizam de maneira passiva e automática em frente às telas, como os jogos eletrônicos, as redes sociais e os vídeos de curta duração (KUNSCH, 2014, p.106). Com isso, encontrar maneiras de estimular os alunos a praticarem em casa e a não desistirem das aulas se torna um desafio recorrente para professores.

Evans (2015, p.65) salienta que é vital compreendermos a motivação para abordarmos perguntas como por que e como as pessoas decidem aprender um instrumento musical, como elas encaram os desafios de aprendizado e estudo, como elas se tornam bem-sucedidas ou por que desistem. Ryan e Deci (2000, p. 54) definem motivação como “ser movido a fazer algo. Uma pessoa que não sente nenhum ímpeto ou inspiração para agir é, então, caracterizada como desmotivada, enquanto alguém que tem energia ou está ativado em direção a um objetivo é considerado motivado” (tradução minha). A motivação pode ser dividida, de maneira ampla, em duas categorias: motivação intrínseca e motivação extrínseca. Motivação intrínseca é entendida como aquela onde o indivíduo realiza uma atividade por achá-la inerentemente interessante e prazerosa e não por fatores externos, como prêmios ou cobranças. Já na motivação extrínseca, o indivíduo realiza determinada atividade por fatores externos, como notas, recompensas, ou por perceber que é uma tarefa importante para seu desenvolvimento.

Como professores, é nosso desejo que os alunos estejam intrinsecamente motivados a praticar o instrumento, visto que esse tipo de motivação resulta em criatividade e em aprendizado de alta qualidade, enquanto a motivação extrínseca é associada a uma forma empobrecida de motivação (RYAN; DECI, 2000, p. 55) e pode, inclusive, diminuir a motivação intrínseca (RYAN; DECI, 2000, p. 58). No entanto, Evans (2015, p.73) salienta que não é possível estar intrinsecamente motivado para todas as tarefas e que nem todos os comportamentos motivados por fatores externos são ruins. Lepper, Corpus e Iyengar (2005) afirmam que os dois tipos de motivação coexistem na sala de aula e ponderam que “a questão crucial não é se a criança está intrinsecamente ou extrinsecamente motivada, mas quanta motivação intrínseca e quanta motivação extrínseca essa criança demonstra” (p. 190–191, tradução minha). Também ponderam que

buscar apenas prazer imediato sem atenção a contingências e restrições externas pode reduzir significativamente os resultados e oportunidades futuras do aluno. Por outro lado, atender apenas a restrições e incentivos extrínsecos pode minar substancialmente o interesse intrínseco e o prazer que pode advir do próprio aprendizado (LEPPER; CORPUS; IYENGAR, 2005, p. 90-91, tradução minha).

É possível também que uma pessoa seja exposta a uma determinada atividade devido a fatores externos e, desde que esses fatores não sejam percebidos como muito controladores, ela passe a perceber os valores intrínsecos da atividade, resultando em uma mudança de foco (RYAN; DECI, 2000, p. 63). Dessa forma, balancear as duas formas de motivação parece ser crucial para incentivar os alunos a praticarem e evoluírem no instrumento. Assim, aparece o desafio de como motivar os alunos a valorizarem atividades que eles consideram menos interessantes e a executarem-nas de forma autônoma sem pressão externa (RYAN; DECI, 2000, p.60), passando a apreciá-las.

Uma maneira de entender melhor os fatores que levam os alunos a se sentirem motivados e que pode ajudar professores a encontrar maneiras de ajudá-los a se envolverem com o estudo musical é conhecer a Teoria da Autodeterminação. Segundo essa teoria, o ser humano tem necessidades psicológicas inerentes que precisam ser saciadas para o seu crescimento e bem-estar, são elas: competência, relacionamento e autonomia (EVANS, 2015, p. 67). A necessidade de competência está relacionada com o desejo de ser eficaz nas suas habilidades. A de relacionamento diz respeito ao desejo de sentir-se conectado com outras pessoas e de ser aceito por elas. Já a necessidade de ter autonomia é referente a ter independência, liberdade e autocontrole (EVANS, 2015, p. 70). Evans (2015, p. 71), aponta que é importante também que essas necessidades sejam supridas de forma balanceada e que pais, professores e colegas de estudantes de música podem tomar atitudes para supri-las e contribuir para a internalização da motivação para determinada atividade.

Outro fator importante para nutrir a motivação dos alunos é o empenho dos professores em ministrar aulas prazerosas, já que segundo Cheng (2020, p. 20), “alunos não conseguem mostrar interesse em aulas entediantes e inflexíveis” (tradução minha). Ao criar um ambiente que eleve o engajamento e a resiliência dos alunos, é mais provável que eles tenham mais persistência e sucesso nos estudos (CHENG; SOUTHCOTT, 2016, p. 49). Uma das formas de incentivar a participação ativa dos alunos nas aulas e despertar o interesse para a prática em casa é o uso da gamificação (BIRCH, 2013). Gamificação refere-se ao uso da mecânica e do design de jogos para influenciar o comportamento dos indivíduos em contextos não relacionados a jogos (BIRCH, 2013, p.ii). Birch (2013, p. 6) pontua que o processo de gamificação é utilizado em contextos educacionais para aumentar a motivação e o

aprendizado dos alunos e não consiste em utilizar jogos propriamente ditos para ensinar habilidades. O método consiste em utilizar características e elementos de jogos em domínios educacionais já existentes para envolver os alunos e facilitar o aprendizado (BIRCH, 2013, p.6). Um elemento dos jogos frequentemente utilizado por professores é o “reconhecimento,” como a utilização de pontos, medalhas e recompensas. Essa prática pode motivar os alunos ao fazê-los sentirem-se importantes, capazes e seguros (WOODRUFF, 2012, em BIRCH, 2013, p.9).

Neste trabalho, relato minha busca como professora de piano na Casa de Música de Ouro Branco, um projeto sociocultural que atende crianças e adolescentes, por maneiras de estimular a prática do instrumento e de contribuir para o desenvolvimento musical dos alunos. Como, na minha experiência, a maioria dos alunos não é intrinsecamente motivada a estudar piano em casa, apesar de demonstrarem gostar de frequentar as aulas, senti a necessidade de fornecer incentivos extrínsecos para fomentar o interesse no estudo, na esperança de que eles internalizassem a importância da prática para o progresso e desenvolvessem o hábito do treino regular. As atividades aqui explanadas foram desenvolvidas entre fevereiro de 2021 e junho de 2023. Além de serem descritas, elas serão classificadas conforme sua capacidade de atender as necessidades psicológicas por competência, relacionamento e autonomia e serão apresentados seus efeitos positivos ou negativos.

2. Atividade para suprir a necessidade de competência

Evans (2015, p. 72) sugere que uma maneira de suprir a necessidade por competência é “amenizar noções de talento e habilidade fixa, e enfatizar o esforço” (tradução minha). Dessa forma, busquei realizar uma atividade que valorizasse o estudo e o progresso ao longo do semestre. Criei, então o desafio “Prática em Casa.” Entreguei aos alunos uma folha contendo uma estrelinha para cada dia da semana e eles deveriam marcar os dias estudados. Avisei que o ideal era que praticassem ao menos cinco dias. Cada aluno foi também orientado quanto à duração aproximada do estudo e quanto às estratégias que deveriam ser aplicadas. Alunos que completavam cinco ou seis dias ganhavam um adesivo de Emoji e os que completavam sete, ganhavam um adesivo de bichinho, que eles gostavam muito. Fiz também uma tabela de pontuação com os nomes dos alunos (Figura 1), onde anotava o número de

dias de estudo e quem completava sete dias ganhava uma estrelinha no quadro. Ao final do semestre, os alunos que obtiveram mais pontos foram reconhecidos no dia do recital com uma premiação e um certificado. Além disso, cada aluno também recebeu uma folha com suas “Metas Musicais” para o semestre (Figura 1), com as peças e atividades que deveriam ser cumpridas.

Figura 1: Quadro de Pontuação (à esquerda) e folha de Metas Musicais (à direita) utilizadas em conjunto no desafio “Prática em Casa.”

SEMANAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
ALICE	2	4	5													
ANA B	4	4	4	4												
ANA F	5	6	4	4												
ANTONIO	1	5	2	1												
ARTHUR P	5	5	4	5												
ARTHUR R	2	2	4													
CAROLINA	6	6	7	6												
DANIELE	3	4	4													
EMANOEL	6	6	6	4												
ESTHER DE S.	6	6	7	5												
ESTHER	2	2	3	3												
GIBRAN	2	3	6													
GIOVANNA J																
GIOVANNA	5	5	2													
ISABELA	6	5	7	7												
ISADORA	4	4	2													
JOAO P	4	5	5	3												
LAURA																
LETICIA	7	6	7	6												
LISP	4	5	4	4												
LIZ C																
LUISA	7	7	7	7												
MARIANA	3	4	5													
MELISSA	5	6	6	4												
MURILO	1	4	2	5												
NATACHA	6	5	3	3												
SAMUEL																
SARAH	4	3	4													
SOFIA	4	7	7	7												
STELA																
VITOR																

Nome: _____

Metas Musicais /

Repertório

Técnica

Teoria/Percepção

Criatividade

Estudo Semanal:

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os alunos se mostraram muito honestos em relação à frequência de estudos e não marcaram dias que realmente não praticaram. Outros se empenharam em estudar os sete dias da semana, mesmo quando estavam viajando e me perguntaram sobre estratégias de estudo para quando estivessem sem o instrumento. Assim, pudemos discutir táticas como: dizer os nomes das notas em voz alta, bater o ritmo e contar em voz alta, mapear as dinâmicas, e dedilhar a música sobre a mesa, por exemplo. Quando o aluno conseguia manter a rotina de prática em casa, eu fazia questão de apontar como ele evoluiu durante a semana, como a aula fluiu bem e conseguimos realizar diversas atividades, e como estávamos mais próximos de cumprir nossas metas. Assim, eles se sentiam capazes e orgulhosos do trabalho, o que

aumentava a motivação para continuar seguindo a rotina de estudo. Como afirmou Frances Clark,

se os alunos sempre saem da aula com um senso de entusiasmo pela música nova (ou com o entusiasmo reacendido para músicas que eles já estão estudando), mais um senso que eles são capazes de dominar a peça, o desejo para praticar irá quase sempre acompanhar (Clark, 1992, p. 167, tradução minha).

Por outro lado, se o aluno indicava ter estudo bastante durante a semana, mas não demonstrava progresso, tínhamos uma conversa sobre como estudar da forma correta, seguindo as orientações que eu passava em aula e anotava no caderno, e repassávamos as estratégias em aula. Assim, ele poderia experimentar essas táticas e também sentir que elas funcionavam, pois, ao final da atividade, já teria conseguido solucionar algumas dificuldades. Para os alunos que não estavam estudando com boa frequência, conversávamos sobre a importância da disciplina para poder vencer os desafios e bater as metas.

No geral, os alunos se mostraram mais empenhados em praticar e em cumprir as metas, uma mãe afirmou que "foi muito prazeroso ver o meu filho tocando e estudando praticamente todos os dias da semana." Vários pais e alunos reportaram que essa atividade foi um bom incentivo para ajudar os alunos a criarem o hábito do estudo, sendo, ao mesmo tempo, motivadora e desafiadora. Percebi que ajudou também os pais a acompanharem a rotina. A premiação no dia do recital também foi importante, pois os alunos se sentiram capazes, recompensados e admirados por pais e colegas, preenchendo as necessidades de competência e relacionamentos e servindo de bom exemplo para os outros.

3. Atividades para suprir a necessidade de relacionamento

Nesta categoria, foram desenvolvidas atividades para promover a interação dos alunos entre si e também entre eles e sua família. Segundo Pinto (2004, p. 33), "no meio que circunda o aluno de música, a figura do amigo possui um lugar de destaque." Na escola de música em questão, os alunos de piano não participam de grupos instrumentais e a maioria tem aula individual. Sendo assim, torna-se muito importante o incentivo da convivência entre eles, visto que o apoio de colegas pode fazê-los sentir-se mais confiantes e competentes (PINTO, 2004, p. 33). Além disso, envolver os pais no aprendizado musical é crucial para a



persistência dos alunos no estudo de música, para o desenvolvimento da autoeficácia (PINTO, 2004, p. 39–40), da confiança (CHENG, 2020, p. 23), e para o sucesso (EVANS, 2015, p. 69). Pinto (2004, p. 38) destaca que “o esforço conjunto da escola, em articulação com a família e a comunidade, no acompanhamento do trabalho do aluno, contribui para uma maior motivação e sucesso escolar.” Portanto, viu-se necessário realizar atividades que promovessem o relacionamento entre os alunos e que trouxessem os pais para mais perto do processo de aprendizagem. Duas atividades foram realizadas com esse objetivo: as Olimpíadas de Piano e a performance de duetos.

3.1 Olimpíadas de Piano

Essa atividade foi realizada ao longo do ano de 2021, quando ocorreram as Olimpíadas de Tóquio. Ela foi dividida em duas etapas: uma no primeiro e outra no segundo semestre. Ela foi baseada no princípio da gamificação, com desafios que os alunos deveriam cumprir para ganhar medalhas. A primeira etapa contou com nove atividades e a segunda, com oito. No primeiro semestre de 2021, ainda estávamos trabalhando com aulas remotas, portanto, os alunos não tinham contato uns com os outros e vi a necessidade de que eles tivessem algum tipo de interação entre si. Sendo assim, criei o Clubinho dos Pianistas Incríveis, um ambiente virtual hospedado na plataforma *Flip* (<https://info.flip.com/>). Nessa plataforma criei um grupo para mim e meus alunos. Nesse grupo, postei tópicos com as tarefas para os alunos. Os alunos, então, enviavam vídeos curtos para cumprir as atividades e também podiam ver, curtir e comentar nos vídeos dos colegas. Dois tipos de atividades eram intercalados: desafios relacionados à performance ao piano, pensadas de modo a explorar estratégias de estudo, e atividades de apreciação musical que exploravam a vida e a obra de diferentes compositoras e para a qual os pais eram convidados a aprender junto com os filhos. Também construí um quadro de medalhas para reconhecer o cumprimento das atividades (Figura 2). O quadro continha medalhas em preto e branco representando cada atividade. Ao completar cada etapa, a medalha ficava colorida. Assim, os alunos podiam acompanhar seu próprio progresso e o dos colegas. No final de cada semestre, foi entregue um prêmio para os alunos que concluíram todos os desafios.

Figura 2: Recorte do quadro de medalhas utilizado durante as “Olimpíadas de Piano.”

Ana Beatriz									
Ana Vitória									
Arthur									
Beatriz L.									
Clarice									

Fonte: Arquivo pessoal da autora

No primeiro desafio do ano, os alunos deveriam se apresentar: dizer seu nome, idade e o que ele(a) mais gostava nas aulas de piano, ou quais eram as expectativas para as aulas (no caso de alunos novatos). Essa atividade teve boa adesão dos alunos com 21 de 23 alunos participando. Alguns dos desafios propostos foram: tocar lento como um caracol, tocar como um elefante (grave, lento e forte), tocar com um livro na cabeça, bater o ritmo de uma mão enquanto toca a outra, tocar com os olhos vendados, tocar para membros da família, entre outros. Algumas compositoras estudadas foram: Chiquinha Gonzaga, Louise Farrenc, Lili e Nadia Boulanger e Florence Price. Nas atividades de apreciação musical, os alunos deveriam ler a biografia e ouvir músicas da compositora em estudo através de uma apresentação disponibilizada pela professora e deveriam dizer qual fato eles acharam mais interessante e qual música mais gostaram e por quê.

A adesão às atividades foi maior no primeiro semestre do que no segundo, com 13 alunos cumprindo todos os desafios na primeira etapa contra apenas quatro na segunda. O número de alunos que não realizou nenhuma atividade se manteve constante em três alunos, sendo que dois deles não cumpriram nenhuma atividade nas duas etapas. A diminuição da

participação nas Olimpíadas pode ter se dado pela diminuição do interesse, já que no segundo semestre, não era mais novidade e não havia a curiosidade inicial; pela sobrecarga que o uso de telas pode ter trazido aos pais e alunos; pela mudança na rotina, que saiu do remoto no primeiro semestre, para o presencial no segundo, exigindo uma readaptação da rotina de todos.

Apesar de os alunos terem parecido se divertir com as atividades e terem gostado do sistema de recompensa (quando eu, por descuido, esquecia de dar uma medalha para alguém, era logo cobrada!), essa atividade não atingiu o objetivo primordial de interação entre os alunos e entre eles e seus pais. Apesar de o número de visualizações dos vídeos indicar que eles estavam assistindo os vídeos uns dos outros, não houve interação com comentários e curtidas. Isso pode ter ocorrido por falta de familiaridade com a plataforma, timidez, ou por não terem acesso contínuo a um dispositivo eletrônico, já que muitos utilizavam os aparelhos dos pais. Alguns pais deram retorno positivo das atividades, mencionando que elas ajudaram na motivação do aluno e demonstrando que acompanharam os desafios, como uma mãe, que afirmou que acompanhou as atividades e achou que “os desafios foram muito bons e que poderiam continuar.” Outra afirmou que “a ideia dos desafios do Flipgrid foi muito boa! A Maria¹ gostou muito e se dedicou a cumprir todos. Foi uma excelente forma de criar envolvimento no aprendizado e uma oportunidade de se aprender sobre pianistas e compositoras importantes.” Pode-se dizer que o envolvimento dos pais se deu no acompanhamento das atividades, no processo de gravação dos vídeos e na participação ativa nas tarefas. No entanto, não foi possível medir quantitativamente o nível desse envolvimento, visto que muitos pais não se manifestaram expressamente sobre as atividades.

No geral, notou-se que os alunos e os pais consideraram as atividades positivas e divertidas e que elas contribuíram para que os alunos desenvolvessem mais interesse pelas aulas e achassem o processo de aprendizagem mais prazeroso. No entanto, no aspecto da promoção de relacionamentos, essa atividade não foi muito efetiva, pois os alunos não manifestaram expressamente suas impressões em relação aos colegas. Talvez, promover encontros síncronos para realizar os desafios tivesse sido mais eficaz para esse propósito.

¹ Nome fictício para preservar a identidade da aluna.

3.2 Performance de Duetos

Tocar duetos com colegas pode ser um importante fator motivacional (CHENG, 2020, p. 21). Como os alunos de piano da escola não tem oportunidades para tocar com outros instrumentistas, a oportunidade de tocar duetos com outros alunos de piano se tornou uma boa oportunidade de socialização e de motivação para o estudo, já que os alunos deveriam ter suas partes bem-preparadas para os ensaios. As atividades de duetos vêm sendo implementadas desde o início de 2022 com alunos que fazem aulas em dupla ou tem aulas em horários consecutivos e estão em níveis de desenvolvimento semelhante no instrumento. Fiz a organização dos horários já pensando nessa possibilidade.

Os alunos se mostraram bastante dedicados em preparar as peças para o ensaio e alguns chegaram inclusive a memorizá-las. Na hora do ensaio, estavam animados, mas também um pouco ansiosos, pois tocar a quatro mãos exige outras habilidades além das já requisitadas quando se toca sozinho, por exemplo: ouvir duas partes concomitantemente; dividir o espaço do teclado; conseguir encontrar um ponto para seguir a frente em caso de um erro, sem atrapalhar o colega; balancear os níveis sonoros etc. Apesar disso, a cada ensaio os alunos se mostravam mais confortáveis e confiantes, divertindo-se mais e ajudando uns aos outros. Desenvolveram também mais autonomia para solucionar os problemas musicais que poderiam aparecer.

A performance de repertório a quatro mãos se mostrou mais eficiente que as Olimpíadas de Piano para promover a socialização dos alunos. Ela contribuiu para que os estudantes se identificassem uns com os outros por terem uma atividade em comum, construiu laços de amizade, incentivou a prática em casa, aumentou o senso de responsabilidade, e deu mais autonomia a eles durante os ensaios. Assim, apesar de o objetivo inicial ter sido o de incentivar o relacionamento entre os alunos, ela acabou suprimindo também as necessidades de competência, pois os alunos se sentiram mais confiantes e capazes ao vencer o desafio de tocar em conjunto; e de autonomia, pois eles conseguiram perceber e resolver as dificuldades musicais ajudando uns aos outros, com cada vez menos interferência da professora. Dessa forma, o uso de duetos se mostrou uma importante estratégia de motivação para os alunos de piano.

4. Atividade para suprir a necessidade de autonomia

Por fim, descrevo aqui uma atividade voltada a suprir a necessidade de autonomia. Evans (2015, p.72), sugere que uma maneira de desenvolver o senso de autonomia nos alunos é “encorajar atividades criativas e composição” (tradução minha). Entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, desenvolvi um projeto de composição com alguns alunos iniciantes. A cada semana, dedicávamos aproximadamente cinco minutos da aula para discutirmos e experimentarmos ideias. Eu fiquei responsável por ajudar os alunos a organizarem suas ideias e por colocá-las na folha pautada. No final do semestre, tínhamos uma peça pronta, e a maioria dos alunos optou por apresentá-la no recital de alunos.

Nessa atividade, os alunos deveriam, primeiramente, pensar no tema e no título da composição e, depois, desenvolver uma história com começo, meio e fim. A partir daí, escolhemos a tonalidade, começamos a desenvolver a estrutura formal da peça e a experimentar diversos recursos sonoros do instrumento. Procurei deixá-los livres para experimentar suas ideias, auxiliando na hora da organização formal e harmônica (que extrapolava o conhecimento deles) e com algumas sugestões, caso eles se sentissem estagnados. Nesse caso, experimentávamos juntos diversas opções e eles tinham a palavra final em como prosseguir.

Os alunos se mostraram muito criativos e bastante animados em criar suas próprias músicas. Alguns pais também reportaram que eles estavam empenhados em praticar suas composições, que muitas vezes foram mais difíceis que o repertório que estavam estudando. Uma mãe comentou que: “a composição de uma música deixou o José² muito entusiasmado, percebi alegria e o empenho dele durante a composição.” O processo de utilizar os conhecimentos e habilidades que já possuíam para criar uma peça do seu gosto utilizando sua própria criatividade, e de poder apresentá-la para pais e colegas no recital, além do aprendizado de novas habilidades, se mostrou bastante motivador e eficiente em encorajar os alunos a praticarem.

² Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

5. Conclusão

Alunos que não praticam regularmente tem pouco rendimento, o que leva à baixa motivação, que gera ainda menos empenho no estudo, levando a um círculo vicioso que causa uma deterioração do processo de aprendizado (CHENG e SOUTHCOTT, 2016, p. 49). Assim, Clark (1992, p. 159) dizia que “motivar os alunos a praticarem e desenvolver alunos que saibam como utilizar o tempo de estudo sabiamente é nosso maior desafio individual como professores” (tradução minha). Diferentes causas levam à pouca prática: os alunos têm, entre outros fatores, muito dever de casa, atividades extracurriculares, pouco acompanhamento e suporte em casa, e um ambiente com muitas distrações, o que acaba prejudicando o desenvolvimento de uma rotina de estudos. Além disso, observa-se que poucas são as crianças que apresentam motivação intrínseca para praticar todas as atividades necessárias para seu desenvolvimento no instrumento. Sendo assim, o uso de fatores externos para estimular o interesse para o estudo torna-se um aliado de pais e professores. É essencial que os alunos se sintam capazes de vencer os desafios, acolhidos pelo professor, colegas e família, e tenham participação ativa no processo de aprendizado. Portanto, suprir as necessidades de relacionamento, competência e autonomia são essenciais para aumentar o nível de envolvimento com as atividades.

As atividades realizadas com as crianças e adolescentes de um projeto sociocultural entre 2021 e 2023 mostraram-se efetivas para despertar o interesse da maioria dos alunos e foram apreciadas não só por eles, mas também pelos pais, que notaram um maior envolvimento com as aulas e os estudos em casa. A gamificação se mostrou eficiente para deixar o processo de aprendizagem prazeroso e envolvente. No entanto, é preciso notar que diferentes alunos se mostraram motivados por atividades distintas, então cada atividade teve um efeito diverso em cada um. É necessário também pontuar que é importante que as atividades extrínsecas sejam planejadas de modo a serem eficazes e eficientes em elevar o interesse para o estudo, trazendo resultados concretos no desenvolvimento do aluno e aumentando o sentimento de competência, além de suprir as outras necessidades de relacionamento e autonomia pois, como afirma Clark (1992, p. 165), “não há motivação maior que a sensação de sucesso” (tradução minha). Assim, o estudante e os pais perceberão a evolução técnica e musical e, ao sentir-se capaz, o aluno passará a se envolver mais

intimamente com a música e com o processo de aprendizado, podendo internalizar a motivação, e, assim, passar a se dedicar mais ao instrumento.



Referências

BIRCH, Heather. *Motivational Effects of Gamification of Piano Instruction and Practice*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Toronto, 2013.

CHENG, Zijia. *Students' Motivation in Piano Learning: A Case Study in Australia*. Tese (Doutorado). Monash University, 2020.

CHENG, Zijia; SOUTHCOTT, Jane. Improving Student's Intrinsic Motivation in Piano Learning: Expert Teacher Voices. *Australian Journal of Music Education*, v.50, n. 2, 48–57, 2016.

CLARK, Frances. *Questions and Answers: Practical Advice for Piano Teachers*. Frances Clark Center, 1992.

EVANS, Paul. Self-determination Theory: An Approach to Motivation in Music Education. *Musicae Scientiae*, v. 19, n. 1, 65–83, 2015.

KUNSCH, Clarice Krohling. Excesso de atividades, consumo e superproteção: possíveis fatores de tédio em crianças. *Veras*, São Paulo, v.4, no. 1, 99–115, 2014.

LEPPER, Mark; CORPUS, Jennifer H.; IYENGAR, Sheena. Intrinsic and Extrinsic Motivational Orientations in the Classroom: Age Differences and Academic Correlates. *Journal of Educational Psychology*, v. 97, n.2, 184–196, 2005.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. *Contemporary Educational Psychology*, v. 25, n. 1, 54–67, 2000.

PINTO, Alexandrina. Motivação para o Estudo de Música: Factores de Persistência. *Música, Psicologia e Educação*, n. 6, 2004.

